

CASA-GRANDE & SENZALA E A MENINA MORTA: PATRIARCADOS

Josalba Fabiana dos Santos
Doutoranda – UFMG

Não deve ser difícil perceber pontos de contato entre *A menina morta* (1954), do escritor fluminense Cornélio Penna, e *Casa-grande & senzala* (1933), do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, para quem já os tenha lido. O que não significa dizer influências, ainda que elas possam existir. Em contrapartida, não parece absurdo pensar que Cornélio tenha lido Freyre, afinal há uma distância de 20 anos entre suas publicações e é patente que *Casa-grande & senzala* causou um enorme impacto desde o seu surgimento e que este impacto não se limitou a sociólogos: sua abrangência ocupou um meio intelectual mais amplo. Enfim, não importa – ou importa pouco – pensar no que estaria fora destes textos - conhecimento de Freyre por Cornélio ou reais intenções no momento da escrita. Muito mais relevante será identificar os pontos de contato palpáveis, isto é, aquilo que pode ser rastreado nas obras propriamente ditas. E, é claro, tão pouco se está pensando em fazer um levantamento exaustivo e provavelmente improdutivo de todas as relações possíveis.

Há uma questão a partir da qual serão discutidas as demais, a saber: a nação. Ou seja, tanto *A menina morta* quanto *Casa-grande & senzala* estarão aqui sendo pensados em termos de narrativas de fundação nacional nas quais facilmente se localizam constantes e contrastes: o patriarcalismo e a escravidão. Luiz Costa Lima já havia empreendido aproximações entre estes dois textos, no entanto, o crítico preferiu estudá-los em ensaios diversos (cf. Lima, 1989), apenas tocando em um ou outro ponto, mas evitando um mergulho mais profundo, talvez por pudores de tratar num mesmo momento textos tão particulares – não se sabe. O caso é que somente ao final do ensaio dedicado à obra corneliana questões são explicitadas:

Com *A menina morta*, o romance brasileiro alcança um de seus raros momentos ímpares. Eis um romance que, sem nada de documentalismo realista, formula o mais agudo *pathos* da sociedade patriarcal-escravagista: *pathos* pelo qual se opõe ao tratamento do *Casa-grande*.

Ao passo que no ensaio do sociólogo a interdição gerada pela estrutura escravocrata era abrandada ou mesmo superada pelo clima de confraternização e ‘plasticidade’ míticas, em *A menina morta*, o mito da criança morta é minado pelo trabalho secreto da dissolução, que termina por implodir toda a empresa. O trágico seco do romance contradiz a efusão mítica da interpretação sociológica. Em consequência, são criadas duas imagens antagônicas da sociedade brasileira: do ensaio de Freyre deriva um critério de identidade nacional, fundado na confraternização, no amaciamento dos conflitos, na prática tortuosa dos valores, que por certo deveríamos preservar; do romance de Penna, um princípio de corpo radicalmente dilacerado, marcado por interdições milimétricas, estéril apesar da fecundidade da terra, de irredenta e apenas adiada explosão. (Lima, 1989, p. 281)

Impossível discordar. De fato se está diante de “duas imagens antagônicas”. No entanto, o que é fundamental ressaltar é que a partir da idéia de nação estas obras extraordinárias tomam rumos diversos. Ou seja, os autores olham para o país, para a sua formação e criam imagens opostas, vêem um Brasil completamente estranho um ao outro. A memória que Freyre pretende construir é a de uma nação com uma origem bastante particularizada, mas com qualidades raras. Enquanto momento inicial não haveria retoques a serem feitos. Insiste-se em unificar o difuso, em se criar um quadro que dê conta do todo, não se admite que nem tudo nem todos possam ou queiram fazer parte deste quadro. A cultura brasileira seria o resultado bem sucedido da colonização, pois uma verdadeira democracia racial brotou das relações harmoniosas entre portugueses e índios e, especialmente, entre portugueses e africanos. O & do título marca de forma patente uma negociação entre senhores e escravos negros. Na obra corneliana não há negociação possível, pois o cativo não passa do resultado de um contrato, não é com ele que o senhor fecha negócios, é com o traficante – ainda que este personagem não seja presentificado. A nação é jovem, mas já está corroída pela escravidão – violência inapreensível. Não há poder de abstração que consiga criar uma comunidade na qual não há nada em comum, na qual a ausência de diálogo é a regra.

Dada a natureza dos textos, o de Cornélio Penna uma narrativa ficcional e o de Freyre um ensaio sociológico, já se tem de saída um enorme distanciamento, logo só caberá aqui a

aproximação de pontos bastante específicos e ao mesmo tempo circunstanciais, ou seja, que numa outra abordagem ou não teriam qualquer relevância ou que só seriam citados tangencialmente.

A menina morta é ambientado na segunda metade do século XIX, segundo Costa Lima (1976, p. 97) entre 1867 e 1871. No entanto, seria mais preciso falar em 1870 como limite, visto haver uma referência à guerra que, neste período, deve ser a do Paraguai (1864-1870). Mas o que interessa mais diretamente aqui é dizer que se está no Império e que o sistema é o patriarcal escravocrata. *Casa-grande & senzala* refere-se a outro período histórico: o Brasil colonial, portanto anterior à Independência (1822). Porém, enquanto sistema sócio-econômico, o momento no qual Gilberto Freyre se detém é basicamente o mesmo. A região destoa; neste estamos em pleno Nordeste do cultivo de cana-de-açúcar, um Nordeste opulento, que não tem nada a ver com as misérias já retratadas em *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, ou n' *O Quinze* (1930), de Rachel de Queirós. O espaço d' *A menina morta* repete a opulência, mas geograficamente é bastante diverso: o vale do rio Paraíba, de grande cultivo de café, na divisa da então província do Rio de Janeiro com a de Minas Gerais.

A princípio é possível dizer que tanto *Casa-grande & senzala* quanto *A menina morta* se constituem como narrativas de fundação nacional, mas o rumo destas fundações é completamente outro. Naquele o conteúdo se pauta pela tentativa – em termos bem sucedida – de dar uma origem e uma identidade nacional ao Brasil, de fundá-lo em termos da colonização portuguesa e da instituição da escravidão, especialmente a negra – o índio, segundo Freyre, teria fracassado no projeto de criação de um país grandioso. Para o sociólogo pernambucano a fundação teria se dado a partir de bases sólidas e interessantes. O português – que para Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* afigurou-se como o típico aventureiro, que não se detém em lugar nenhum e que só deseja carregar riquezas – é para

Gilberto Freyre um sujeito sedentário, afeito à vida familiar e preso à terra. E o que importa sobretudo no caráter deste colonizador é a sua plasticidade, é o seu poder de se moldar à circunstância singular da vida nos trópicos. É precisamente este poder, aliado à ausência de preconceito de raça, que permitirá ao português o envolvimento sexual com a índia e posteriormente com a negra escrava. De maneira bastante simplista, pode-se dizer que *Casa-grande & senzala* insiste que a partir deste envolvimento sexual constituir-se-ão todas as relações harmônicas nacionais, ou seja, a democracia racial. Afinal, este sujeito plástico não restringiria a prole – resultado destas atividades sexuais quase sempre ilegítimas – ao distanciamento frio do eito. Esta prole seria integrada à vida da casa-grande e concorreria em igualdade de privilégios com os filhos brancos. Claro que Freyre admite exceções, mas estas exceções são tão parcas que não valem a pena ser mencionadas.

No entanto, nada disso chega a comprometer *Casa-grande & senzala* a ponto de macular sua importância dentro do quadro cultural brasileiro. Afinal, o sociólogo coloca a questão da mestiçagem de uma forma até então desconhecida, o mulato deixa de ser um problema para se tornar uma solução. De uma certa maneira o texto é uma resposta às teorias positivistas do século XIX que qualificavam a mistura das raças como fator de degenerescência. Ou seja, as raças puras perderiam suas qualidades ao entrar em contato com as impuras. Freyre inverte o discurso e coloca a mestiçagem em termos positivos. O mulato, sobretudo, abandona a condição de pária racial e alça à de homem novo, à de homem biologicamente apto a viver em país de clima tropical e de cultura predominantemente européia, mas plena de características negras e índias.

Já *A menina morta* pode ser lido como uma espécie de narrativa de fundação de uma identidade nacional às avessas. Para Benedict Anderson, a nação

se imagina como *comunidad* porque, independientemente de la desigualdad y la explotación que en efecto puedan prevalecer en cada caso, la nación se concibe siempre como un compañerismo profundo, horizontal. En última instancia, es esta fraternidad la que ha permitido,

durante los últimos dos siglos, que tantos millones de personas maten y, sobre todo, estén dispuestas a morir por imaginaciones tan limitadas. (Anderson, 1993, p. 25)

Se se acreditar que a comunidade seria a primeira condição *sine qua non* para o estabelecimento de uma nação só se pode ter neste romance a sua total falência. Os sujeitos mantêm entre si um ritual social que se limita ao mínimo indispensável, sua condição essencial é a solidão. O enfoque, basicamente posto sobre as mulheres, só salienta a idéia de desagregação, pois trata-se de mulheres que vivem sob o jugo do patriarcalismo. Há poucas oportunidades para qualquer atitude solidária e inúmeros espaços para o ressentimento, o ódio, a inveja, a indiferença. Todas habitam o Grotão, a fazenda que ambienta a narrativa. Porém, antes de moradoras, estas mulheres são prisioneiras do seu próprio sexo. D. Virgínia, Sinhá Rola e D. Inacinha, além de parentas e agregadas, estão velhas demais para poder manter qualquer perspectiva de um futuro melhor. Nenhuma delas teve filhos, ao contrário das mulheres mencionadas em Freyre. Em Cornélio só há uma mulher com filhos: D. Mariana, a mãe da menina morta e que ainda perderá outro filho no decorrer da narrativa. Carlota, sua outra filha, nega-se ao casamento, convocando assim nova condição de esterilidade. A única promessa seria Celestina, que se casa, mas está doente, logo esta potencialidade desaparece. Até mesmo as escravas são apresentadas sem sua prole: ou não há menção de filhos, ou eles estão mortos, ou foram separados de suas mães por algum motivo, em geral de ordem econômica, isto é, foram vendidos separadamente. Além da esterilidade, estas mulheres são marcadas pelo silêncio, pela falta de comunicação, pela ausência de conhecimento. A linguagem em dobras do narrador torna isto ainda mais patente na medida em que ou não revela muita coisa ou revela coisas que a princípio não parecem ter importância. O fato é que as personagens femininas estão tomadas pelo não saber e desta forma é reforçado um clima de mistério ao longo do texto. Sua condição de seres reclusos à vida na fazenda, muitas vezes restritas quase que tão somente à sala e ao quarto, contribui

para a ignorância do que se passa em torno, para o que se passa fora do permanente “círculo mágico” que as envolve.

Mas não são apenas as mulheres brancas que estão presas no Grotão, também e principalmente os escravos estão imobilizados diante do patriarcalismo. A eles é infringida toda a sorte de violência, a começar pela própria escravidão. A falta de liberdade é uma constante na rica fazenda. No entanto, a dos escravos é a mais desumana de todas. A eles nenhuma escolha é possível. Somente a partir dos desejos e caprichos do proprietário e de seus acólitos, algo pode ou não mudar nas suas vidas. A maioria deles vive sob a égide da tristeza, especialmente por causa da morte da menina, da sinhazinha, única possibilidade de proteção. O que reforça o sentimento constante de insegurança. O escravo é o ser sem-lugar por excelência, nem a senzala lhe pertence, pois é o branco o seu verdadeiro dono. Até mesmo a situação da alforria dada por Carlota só vem a agravar ainda mais a vida dos escravos. Libertos, sobra-lhes menos do que tinham, pois perdem a casa. Não são libertos, são abandonados à própria sorte, futuros moradores da periferia das grandes cidades.

A única semelhança entre o tratamento dispensado ao escravo por Cornélio Penna e Gilberto Freyre é no que toca à quase exclusão da figura do escravo do eito. Ambos detêm seus olhares sobre o escravo doméstico, sobre aquele que convive com os senhores. Ou seja, parece que para ambos o cativo interessa na medida em que se relaciona com o branco. Porém, a identificação é discutível, pois o afastamento do escravo das culturas de café no romance corneliano não é simplesmente elidida. Há pelo menos dois momentos em que se toca no trabalho agrícola. Num, a senhora passeia pela fazenda.

Deviam andar pelos campos sem cultura para evitar sempre, com todo o cuidado, os eitos, porque a Sinhá não gostava de ver os negros no trabalho, e dava ordens ríspidas quando viam ao longe o grupo de homens, seguidos pelo capataz, ou ouviam trazido pelos ventos o canto lamentoso dos que cavavam. (Penna, 1997, p. 18-19)

E, no outro, o senhor:

Nunca dizia qualquer palavra mais alta do que as outras, jamais olhava diretamente para o serviço que sabia estar sendo feito diante dele, pois encarava com expressão distante algum ponto longe dos homens que se agitavam, e permanecia assim quieto e fechado durante minutos que pareciam longas horas àqueles serviçais cobertos de suor. (Penna, 1997, p. 25)

Nenhum olha diretamente para os cativos. O Comendador fiscaliza as atividades sem olhar para os que as executam. E a senhora se recusa a ver os escravos no momento em que labutam. Todavia, o distanciamento destas situações não as elimina, pois o trabalho extenuante prosseguirá e a riqueza acumulada estará sempre suja de sangue.

Isto é, as abordagens permanecem diferenciadas. Enquanto n' *A menina morta* a aproximação entre senhores e negros é colocada em termos de um ódio surdo ou de uma resignada submissão, em *Casa-grande & senzala* o envolvimento é harmônico, não há fissuras e a vida do escravo transcorre alegre na sua convivência com o proprietário. O trabalho do eito deve ser afastado do dia-a-dia agradável. Os escravos domésticos são passivos, pois reconhecem no senhor o cuidado e a segurança que este lhes proporciona. Para Freyre a escravidão terminou precocemente. Para Cornélio não há nada que possa eliminar a sua presença da nossa história, a escravidão é assim um mal irremediável e os seus vestígios são evidenciados no perfil social,

onde se localizaria o processo de formação da nossa nacionalidade, que o período escravocrata traduz sob a forma de um violento dissenso. Ao colocá-lo em cena como nenhum outro romancista entre nós, Cornélio Penna não só estaria problematizando a pretensa unidade que nos constituiria enquanto nação, mas assinalando a permanência de um conflito não sanado na origem e que, sob a forma de um fantasma desagregador, continua a nos assombrar e a nos manter exilados no passado, como num pesadelo que parece não ter fim. (Miranda, 1997, p. 482)

Também a família patriarcal brasileira é posta em termos bastante positivos pelo sociólogo. Até mesmo a figura autoritária do patriarca é abrandada por uma atitude constantemente afetuosa para com os escravos, especialmente para com as mulheres escravas.

Claro que se sabe que este afeto era galgado na condição de proprietário, de quem pode dispor legalmente de um objeto, mas estes dados devem ser e são constantemente esquecidos ou deixados num segundo plano ao longo da narrativa.

El olvido, e incluso diría que el error histórico, son un factor esencial en la creación de una nación, y de aquí que el progreso de los estudios históricos sea frecuentemente un peligro para la nacionalidad. La investigación histórica, en efecto, ilumina los hechos de violencia ocurridos en el origen de todas las formaciones políticas, incluso aquellas cuyas consecuencias han sido más benéficas. La unidad siempre se hace brutalmente. (Renan, 2000, p. 56)

Freyre parece realmente acreditar que os negros e mulatos tinham no senhor um verdadeiro aliado, alguém que os protegia, alimentava-os e os vestia e que até era capaz de manifestar algum apreço pelos filhos bastardos. Tudo é desculpado ao fazendeiro: da sua atitude lasciva, que criava haréns convivendo com a própria família, até sua administração negligente do engenho, que encaminhava bancarrotas em poucas gerações. Nem com toda a complacência de Freyre é possível eliminar a ociosidade do patriarca. Homem que passava o dia a embalar na rede, que vigiava a propriedade do frescor do seu terraço. Mas, segundo o sociólogo, era precisamente esta negligência que fazia com que o escravo o admirasse. Ou seja, trabalho era tarefa que maculava a dignidade de uma pessoa. Somente o ócio poderia ser reservado para aquele que tinha poder.

De modo geral, Freyre não dissimula sua admiração pela dinâmica do engenho, inclusive identificando-se com ela e pretendendo que o leitor faça o mesmo, como se todos os brasileiros fossem advindos da casa-grande:

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam *nossos* sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, *trazemos* quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que *nos* embalou. Que *nos* deu de mamar. Que *nos* deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que *nos* contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que *nos* tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que *nos* iniciou no amor físico e *nos* transmitiu, ao ranger da cama-de-

vento, a primeira sensação completa de homem. Do muleque que foi o *nosso* primeiro companheiro de brinquedo. (Freyre, 2000, p. 343) (Grifei)

O patriarca d' *A menina morta* não tem tempo para desperdiçar em redes, nem mesmo a perda da filha mais nova interrompe suas visitas aos campos cultivados. Seu perfil é o do empreendedor capitalista. O seu ritmo não é o da lassidão do engenho de cana-de-açúcar, o seu olhar está voltado para o mercado europeu. Porém, não deixa de ser um “senhor feudal sul-americano” (Penna, 1997, p. 118).

O sol batia em cheio na sua figura rude e ele parecia a estátua de proa da grande nave constituída pela fazenda enorme, pesadamente espalhada, com os mastros erguidos das palmeiras a agitar suas flâmulas aos ventos. Aquela presença masculina, poderosa, fonte e origem em potência de muitas vidas, que viriam ao mundo ricas de seiva e se prolongariam e multiplicariam pelos séculos, era bem a do patriarca dominador de todo aquele grupo de homens e mulheres, era o tronco da árvore sem medida cujos galhos se reproduziam sem cessar. (Penna, 1997, p. 276-277)

Na verdade, ele seria uma espécie de síntese ou transição entre o patriarca e o capitalista. Sua postura em relação aos familiares é de distanciamento e frieza. Não consegue se comunicar com as pessoas que dependem da sua riqueza, sua linguagem é a da ordem, a da imposição, seus gestos são maquinais e limitados ao extremamente necessário. Mas nada disso o impede de manter encontros mais íntimos com as escravas. Encontros discretos, feitos na calada da noite, sem mais testemunhas do que o necessário. O Comendador não impõe o seu harém – se é que ele exista, visto o narrador limitar-se a meras alusões a encontros clandestinos – à presença da família, os limites são preservados. A sua conduta pertence a um estágio em que a família burguesa já inicia a se constituir dentro da sociedade brasileira e certos atos não são mais provas de virilidade como em *Casa-grande & senzala*. Neste momento, espera-se uma atitude cavalheiresca. O Comendador é um homem que cresceu em ambiente requintado, educou-se em Paris, vive relativamente próximo da Corte, tem um irmão

que é Visconde e ao qual ele está sempre tentando superar. Enfim, seu universo destoa completamente daquele no qual vivem os rústicos senhores de engenho de Freyre.

Gilberto Freyre e Cornélio Penna escrevem suas obras em dois momentos relativamente próximos, apenas vinte anos separam suas publicações. No entanto, o sociólogo encaminha sua discussão num certo sentido para a defesa de uma classe social que na década de 30 estaria dando seus últimos suspiros. Cornélio Penna lança *A menina morta* quando o país se encaminha para um verdadeiro surto desenvolvimentista, o progresso é o único e o melhor caminho a seguir. O romancista se recusa a estes apebs entusiastas e se volta para o século XIX, mas também não se deixa embalar por nenhum sentimento saudosista, por nenhum orgulho de clã. Sua visão é abrangente e crítica. O universo configurado em seu romance aponta para uma nação que no preciso momento do seu início já se esfacela. Cornélio não consegue se empolgar nem pelos discursos progressistas, da metade do século XX, nem tão pouco pelo do país do futuro, do Brasil imperial, ele já sabe que não há futuro. Talvez por isso o seu apego aos oxímoros: menina morta, por exemplo, criança, mas morta; a cidade de Porto Novo, com casas em ruínas; a jovem Carlota que se vestia como uma velha e tantos outros. Ou seja, o autor fluminense conhece a matéria sobre a qual o novo é construído, ele sabe quanta coisa deve ser esquecida para que se construa uma história homogênea e vazia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas* : Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política* . São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232.
- BHABHA, Homi K. Disseminação. In: BHABHA, Homi K. *O local da cultura* . Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p. 198-238.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala* . 41. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LIMA, Luiz Costa. *A perversão do trapezista* : O romance em Cornélio Penna. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LIMA, Luiz Costa. A versão solar do patriarcalismo: Casa-grande & senzala. In: LIMA, Luiz Costa. *A aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 187-238.
- LIMA, Luiz Costa. Sob as trevas da melancolia: o patriarcalismo em A menina morta. In: LIMA, Luiz Costa. *A aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 238-284.
- MATOS, Olgária. O sol triste das ruínas. In: MATOS, Olgária. *Vestígios* : Escritos de filosofia e crítica social. São Paulo: Palas Athena, 1998. p. 81-85.
- MIRANDA, Wander Melo. Posfácio. In: PENNA, Cornélio. *A menina morta* . Rio de Janeiro: Artium, 1997.
- OTTE, Georg. *Vestígios de um materialismo estético*. Manuscrito.
- PENNA, Cornélio. *A menina morta*. Rio de Janeiro: Artium, 1997.
- RENAN, Ernest. ¿Qué es una nación? In: BRAVO, Álvaro Fernández. *La invención de la nación* : Lecturas de la identidad de Herder a Homi Bhabha. Buenos Aires: Manantial, 2000.